



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

GIOVANA MATILDES DA SILVA ALEXANDRE

AS RELAÇÕES DE PODER QUE PERPASSAM O AMBIENTE ESCOLAR E SUAS
INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA DOCENTE

PATOS – PB
2014

GIOVANA MATILDES DA SILVA ALEXANDRE

**AS RELAÇÕES DE PODER QUE PERPASSAM O AMBIENTE ESCOLAR E SUAS
INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba em cumprimento à exigência para
obtenção de especialista em Práticas
Pedagógicas Interdisciplinares em
convênio com a Escola de Serviço Público
do Estado da Paraíba.

Orientadora: Profa. Dra. Djane de Fátima Oliveira

**PATOS – PB
2014**

UEPB - SIB - Setorial - Campus VII

A382r Alexandre, Giovana Matildes da Silva
As relações de poder que perpassam o ambiente escolar e suas influencias na prática docente [manuscrito] / Giovana Matildes da Silva Alexandre. – 2014.

26 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Prática Pedag. Interdisciplinares) – Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Djane de Fátima Oliveira, Departamento de Administração".

1. Relações de poder. 2. Ideologias. 3. Ambiente Escolar. 4. Professor. I. Título.

21. ed. CDD 370

GIOVANA MATILDES DA SILVA ALEXANDRE

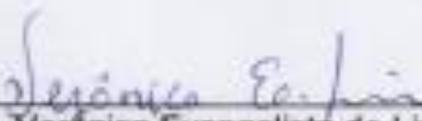
AS RELAÇÕES DE PODER QUE PERPASSAM O AMBIENTE ESCOLAR E SUAS
INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba em cumprimento à exigência para
obtenção de especialista em Práticas
Pedagógicas Interdisciplinares em convênio
com a Escola de Serviço Público do Estado da
Paraíba.

Aprovada em 19/07/2014



Profa. Dra. Djane de Fátima Oliveira / UEPB
Orientadora



Profa. Dra. Verônica Evangelista de Lima / UEPB
Examinadora



Prof. Dr. Antônio Augusto Pereira de Sousa / UEPB
Examinador

Á Deus como todas as vezes que contei,
a minha verdadeira e fiel família, meu
namorado e amigos que estiveram
presente nesta grande caminhada de
sucesso e vitória, **DEDICO**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela força e coragem durante toda esta caminhada, cada momento em que fraquejei o Senhor renovou-me de forças e mostrou-me uma solução para meus problemas.

À minha mãe Olívia, por sua capacidade de acreditar e investir em mim. Mãe, seu cuidado e dedicação foram essenciais para que eu seguisse em frente e superasse tantos obstáculos em minha vida.

Ao meu filho Max, por ser a inspiração para tudo que faço e compreender a minha ausência em sua vida. A você, meu amor incondicional.

Ao meu irmão Fábio Júnior, por ser o meu companheiro e melhor amigo, a pessoa em que mais confio e que sou eternamente grata por cada conquista.

Aos meus amigos Lucas e Maria José, pelo apoio incondicional e principalmente por serem um bálsamo que me tranquilizava sempre, a todo momento de angústia e desmotivação. A vocês, todo o meu carinho.

Aos meus colegas de curso, em especial Margareth, Cláudio e Vanderlúcia por acreditarem em mim, quando eu mesma não acreditava. A vocês, toda minha gratidão.

Ao professor Valmir, por ser esse professor questionador e desafiador que nos provocou uma reflexão acerca do mundo em que vivemos e nos despertou uma vontade de transformar esse mundo assim como, reinventar a nós mesmos.

Em especial, agradeço a minha professora e orientadora Djane, pela sua generosidade e paciência para guiar o meu caminho e ser uma profissional competente e acima de tudo humana. A você, muito obrigada.

Eu não saberia dizer quando comecei a reparar nisso; talvez essas coisas tenham um efeito sobre nós, mas não reparamos; depois se começa a juntar uma coisa à outra, e então de repente tudo ganha sentido. ÍTALO CALVINO

RESUMO

O presente trabalho intitulado: As relações de poder que perpassam o ambiente escolar e suas influências na prática docente, estrutura - se a partir de um referencial teórico, destaca a relação intrínseca que há entre a manutenção do capitalismo e a qualidade do ensino nas escolas públicas. A manutenção do poder vigente atende aos interesses da classe dominante, aquela com maior prestígio social e econômico, e esta perpetuação só é possível através de mecanismos de controle como a disseminação de ideologias e, por conseguinte, a alienação dos indivíduos. A presente pesquisa de caráter teórico-bibliográfica se propôs a estudar a participação do ambiente escolar nessa cadeia de exclusão e injustiças, pois cabe a esta a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade, e cada vez que essa função é relegada a um segundo plano, através de um ensino descontextualizado ou desprovido de significado para o educando, contribui-se para a alienação educacional e social. È importante salientar que o educador sofre os impactos oriundos dessa dominação, quer seja através da ausência de políticas públicas que o valorizem enquanto profissional ou por veiculação de ideologias que o desmotiva e oprime. Como aportes teóricos foram utilizadas concepções de autores como Freire (2005), Silva (2008), Foucault (2006), entre outros, que fazem da alienação escolar e desvalorização do ensino um instrumento a serviço do poder dominante.

Palavras chaves: Poder, Ideologias, Ambiente escolar, Professor

ABSTRACT

This work entitled the power relations that permeate the school environment and its influences in teaching, practice structure - whether from a theoretical framework highlights the intrinsic relation between the maintenance of capitalism and the quality of education in public schools. Keeping the current power serves the interests of the ruling class, the one with greatest social and economic prestige, and this is possible only through the perpetuation of control mechanisms such as the dissemination of ideologies and therefore the divestiture of individuals. This survey of theoretical literature character proposed to study the role of the school environment in this chain of exclusion and injustice, as it falls to the formation of critical and active citizens in society, and every time this function is relegated to the background through a decontextualized and meaningless to the student teaching, contributes to the educational and social alienation. It is important to note that the educator suffer the impacts from this domination , either through lack of public policies that valorize as a professional or serving ideologies that discouraging and overwhelming. As theoretical contributions conceptions of authors such as Freire (2005), Silva (2008), Foucault (2006), among others, that make school alienation and devaluation of learning an instrument at the service of the dominant power were used.

Keywords: Power, Ideologies, School environment, Teacher.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVOS.....	12
1.1.1 Objetivo geral.....	12
1.1.2 Objetivos específicos.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 A EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO OU LIBERTAÇÃO?.....	13
2.2 AS RELAÇÕES ENTRE PODER E IDEOLOGIA.....	16
2.3 OS DESAFIOS DO PROFESSOR MEDIANTE UMA EDUCAÇÃO ALIENADORA.....	18
3 METODOLOGIA.....	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Pensar em uma educação emancipadora significa criar oportunidades para que o educando possa desenvolver o seu senso crítico e interagir dinamicamente com o meio em que está inserido. A escola tem um papel fundamental nesse processo educativo, pois a esta é destinada a responsabilidade de preparar o educando para o exercício da cidadania. Entretanto, percebe-se que esta escola idealizada por uma maioria e difundida através de leis, não condiz com a realidade das escolas ao longo do país, uma vez que uma escola democrática se contrapõe aos interesses da classe dominante que utiliza esse espaço como instrumento propagador de ideologias em prol dos seus interesses.

Essa influência externa no âmbito pedagógico é imposta de diversas formas desde a nomeação de pessoas desqualificadas para exercerem funções pedagógicas a opressão que sofrem aqueles que não comungam dos mesmos ideais daqueles que detêm o poder. Dessa forma, percebe-se que o capitalismo invade o espaço escolar e faz do sistema educacional um aliado aos seus interesses, pois quem detém o poder econômico também detém o poder de decidir as regras que a escola deve seguir.

É nesse contexto que se encontra o professor, um profissional com uma identidade fragmentada, pois além de ser oprimido pelo sistema, sem qualquer dignidade e muitas vezes submisso, precisa ensinar aos seus alunos a serem atuantes e críticos, quando na verdade, ele mesmo não consegue transformar o discurso em prática.

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre as relações de poder que perpassam o ambiente escolar, destacando a interferência do poder dominante no sistema educacional, seus impactos no universo escolar e em particular na prática pedagógica do professor. Nesse sentido, o trabalho apresenta concepções de autores como Paulo Freire, Celso Vasconcellos, Moacir Gadotti, entre outros, fornecendo um suporte teórico a esta pesquisa.

1.1 OBJETIVOS

1.1.2 Objetivo Geral

Realizar uma abordagem crítica sobre as relações de poder que perpassam o cotidiano escolar, sobretudo analisar a interferência da política local no trabalho pedagógico.

1.1.3 Objetivos Específicos

- Refletir sobre o papel da educação enquanto instrumento de dominação ou libertação.
- Discutir acerca dos processos que fazem da educação um instrumento da ideologia dominante.
- Analisar o comportamento do educador frente aos mecanismos de dominação no contexto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO OU LIBERTAÇÃO?

A educação é um processo constante e dinâmico na vida do ser humano, ela engrandece sua natureza e o seu modo de pensar tornando-o sujeito consciente de sua prática e de sua evolução no mundo em que está inserido. É este senso de estar no mundo que faz do homem um ser inacabado que se descobre e se redescobre em um processo constante de evolução. Ou seja, é através da educação que o homem consegue evoluir, pois como ser pensante, aprende e transmite as demais gerações todo o saber próprio da espécie humana.

Diferentemente de outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela tem. Daí que seja a educação um que fazer permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenida realidade. (FREIRE, p . 83-84 . 2005)

Os pressupostos acima revelam que, é a consciência do homem, enquanto ser inacabado que o faz um eterno aprendiz, um arquiteto da sua história e por sua vez , um transformador da sua realidade. Vale salientar que embora a educação, responsável pela construção do sujeito, esteja presente em todos os momentos da vida do indivíduo, é a escola a principal representante da educação sistemática, ou seja a educação intencional. Assim, espaço escolar é o ambiente destinado para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das múltiplas habilidades do educando e, principalmente sua formação ética e cidadã.

A formação do educando não pode ser dissociada de uma formação cidadã, pois, é esta a principal função social da escola: preparar o educando para o exercício pleno da cidadania. Formar cidadãos significa colocar a educação conteudista em segundo plano, e propiciar situações no cotidiano escolar para que o aluno vivencie sua cidadania, aprendendo na prática a exercitar seus direitos e deveres.

A cidadania não é, contudo, uma concepção abstrata, mas uma prática cotidiana. Ser cidadão não é simplesmente conhecer, mas,

sim, viver(...) Afinal, qual o objetivo da escola senão formar cidadãos? Todos sabem que a escola enquadra, ajusta, integra, desestimula atitudes antissociais, ajuda a transformar o educando num ser social. Ao passar valores específicos de uma região ou de um país, passa também comportamentos e permite ao aluno acesso ao patrimônio cultural da humanidade (PINSKY, p.96, 2005)

De acordo com o autor uma escola que pretende formar cidadãos, não pode ter uma concepção de cidadania abstrata, ou seja, é preciso transformar teoria em prática. A construção de valores éticos que perdurem por toda vida do indivíduo deve ser incentivada no ambiente escolar através de conteúdos e atividades voltados a reflexão de temas multidisciplinares e a ação que permitam ao aluno vivenciar a teoria praticando o exercício da cidadania em sua escola, em sua casa, em seu bairro e assim sucessivamente.

O desenvolvimento de tais atitudes começa com o engajamento dos educadores que precisam definir objetivos comuns, entrar em um consenso sobre os caminhos que deverão seguir para a criação de uma escola de valores para a vida, assim sendo, o diálogo entre professores é essencial.

O papel do diálogo pedagógico, da pesquisa e da crítica como atitude dirigida a favorecer a aprendizagem na aula, junto à postura ideológica de que a função da Escola não é encher a cabeça dos alunos de conteúdos, mas, sim, contribuir para formá-los para a cidadania e oferecer-lhes, como já se indicou, elementos para que tenham possibilidades de construir sua própria história, diante da que vem determinada por sua condição de gênero, etnia, classe social ou situação econômica. (Hernández, p.23-24, 2007)

Os pressupostos acima evidenciam a importância do diálogo pedagógico e da pesquisa crítica para a construção de uma educação emancipadora que permita ao aluno tornar-se sujeito da sua própria história, ou seja, um ser crítico diante da realidade que o cerca e, sobretudo atuante na sociedade que deseja transformar. O autor ainda destaca que a aprendizagem em sala de aula deve favorecer a criticidade do educando quanto aos conteúdos escolares, ou seja, é necessário que se faça uma reflexão sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula a quem interessa essa educação bancária? Um indivíduo apático diante dos conteúdos ministrados em sala de aula poderá ser um cidadão participativo na sociedade?

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão_ a

absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, p.67,2005)

Dessa forma, uma escola que fundamentada em uma educação bancária, indiretamente favorece a ideologia da opressão, pois o seu ensino parte do pressuposto de que todo e qualquer conhecimento é transmitido pelo professor, assim sendo, ao aluno, restará o papel de absorver aquele conteúdo que lhe é ministrado sem qualquer questionamento, ou seja, este é visto como um ser sem história ou conhecimento que valha a pena ser discutido em sala de aula.

As consequências dessa educação na vida do indivíduo são inúmeras, dentre elas, a evasão escolar ou formação de analfabetos funcionais que consiste no mesmo, uma vez que, em ambos os casos a escola não contribui para a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade, apenas prepara indivíduos para o mercado de trabalho de acordo com os interesses burgueses.

Como aparelho ideológico, a escola cumpre duas funções básicas: contribui para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa. Cumpre assinalar, porém, que não se trata de duas funções separadas. Pelo mecanismo das práticas escolares, a formação da força de trabalho dá-se no próprio processo de inculcação ideológica. Mais do que isso: todas as práticas escolares, ainda que contenham elementos que implicam um saber objetivo (e não poderia deixar de conter, já que sem isso a escola não contribuiria para a reprodução das relações de produção), são práticas de inculcação ideológica (SAVIANI, 2005, P. 26).

Dessa forma, percebe-se que as práticas escolares são voltadas à manutenção do sistema estabelecido, uma vez que a educação tem como prioridade a formação para o mercado de trabalho, ou seja, indivíduos adequados ao sistema de produção capitalista, uma força de trabalho que não questione e se submeta à toda e qualquer autoridade sem nenhuma reflexão, ou seja, um ser alienado diante do mundo que o cerca.

A responsabilidade dessa instituição é tamanha que não se pode conceber uma escola desconectada da realidade, fragmentada, isolada por seus muros dos conflitos que permeiam a sociedade e que com uma força avassaladora adentram o espaço escolar. Dessa forma, se faz necessário que escola e sociedade comunguem dos mesmos valores e estejam engajadas na construção de uma sociedade democrática. Segundo Vasconcellos, 2001 “A escola para o povo só tem sentido numa forma de organizar a sociedade. Não é possível fazer uma escola para

todos dentro de uma sociedade para alguns! “ De fato, uma escola democrática é o caminho para a verdadeira consolidação da democracia.

Entretanto é preciso ressaltar que uma escola engajada na construção de sujeitos autônomos e atuantes nas decisões do país, promoverá uma ruptura no poder estabelecido, por conseguinte uma transformação social quebrando a hegemonia da classe dominante. Como forma de perpetuar a manipulação sobre as demais, esta utiliza a escola como forma de controle através de uma educação alienadora, que faz do espaço escolar um local de reprodução e manutenção de ideologias.

2.2 AS RELAÇÕES ENTRE PODER E IDEOLOGIA

Ao longo do tempo, o poder exerce certo fascínio sobre o homem. A necessidade de dominar o outro, fazê-lo submisso em prol dos seus desejos, é uma constante em qualquer sociedade. Assim sendo, as formas de controle são as mais variadas de acordo com as relações de poder que envolvem de forma direta ou indireta, todos que fazem parte dessa cadeia de manipulação.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está na mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT,2006,p. 183)

Segundo Foucault, qualquer análise acerca do poder, deve ter como pressuposto que este só funciona em cadeia, ou seja, não é possível mensurar sua força ou dimensão física e ideológica, uma vez há uma linha tênue que separa o indivíduo controlador daquele que é controlado. Dessa forma o poder, torna-se algo abstrato, invisível aos olhos, impossível de identificar sua origem ou de ser detido, porém sempre atuante na sociedade através das redes de influência, e ideologias perpetuadas por todos aqueles que ao seu modo, manipula o outro.

Embora haja uma relação intrínseca entre o homem e as formas de poder, esta se evidencia quando se trata do controle social daqueles que detêm as riquezas

materiais e, por conseguinte, exercem cargos públicos, ou seja a classe dominante que utiliza mecanismos de controle, tais como a manipulação e a ideologia para que assim possam manter sua hegemonia sobre aqueles que consideram inferiores.

Esta supremacia tem no âmbito educacional um forte colaborador à manutenção e reprodução dessas ideias, pois, é na escola que se desenvolve o pensamento crítico do educando ou se castra definitivamente qualquer possibilidade de emancipação, quer seja pela ausência de conteúdos formadores ou pelo abandono da sala de aula pela ausência de incentivo à permanência nesta instituição, em ambos os casos o resultado é o mesmo: exclusão.

Por sinal, a qualidade do ensino, de uma escola crítica e atuante, não interessa às classes dominantes do país :quanto maior a ignorância(incluindo a dos professores),menor a possibilidade de questionamento do regime de privilégios e das injustiças sociais (SILVA, p. 60, 2008).

Deste prisma, uma educação emancipadora, comprometida com a formação de sujeitos conscientes e questionadores da realidade que os cerca e, sobretudo transformadores dessa realidade, não interessa ao grupo dominante. Dessa forma, se faz necessário manter essa escola conteudista, castradora de ideias e alienadora, pois alunos reprodutores de idéias, domesticados, sem qualquer atitude questionadora, serão adultos sem pensamento crítico, conformados com o sistema, ou indiferentes à realidade que os cercam. É importante salientar que a linguagem explorada em sala de aula, constitui um elemento indispensável ao fracasso das instituições escolares, pois, a distinção entre classes inicia-se pelo código linguístico. Como ressalta Gnerre, 2012 “(...) a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder.”

Diante do exposto, percebe-se que a linguagem empregada nas escolas, a norma culta, funciona como veículo propagador dos interesses da elite, pois o domínio deste código é “privilégio de poucos”, e aqueles que não conseguirem dominá-lo, serão mantidos à margem dos bancos escolares e por conseguinte da sociedade, aumentando cada vez mais a distância entre ricos e pobres neste país.

Os cidadãos, apesar de declarados iguais perante a lei, são, na realidade, discriminados já na base do mesmo código em que a lei é redigida. A maioria dos cidadãos não têm acesso ao código, ou, as vezes, tem uma possibilidade reduzida de acesso constituída pela escola e pela „norma pedagógica” ali ensinada. (GNERRE, 2012, p. 10)

De fato, são através do código linguístico que são disseminadas as ideologias pertencentes ao grupo de maior prestígio. A valorização da língua padrão, a denominada norma culta, em detrimento das demais variedades pela escola revela a quem se destina o ensino instituído nas escolas públicas e particulares, especificamente no que diz respeito à escola pública, os alunos que não pertencem a esta classe social, encontram grande dificuldade em dominar tal variedade.

Os resultados desse ensino descontextualizado são uma educação desprovida de significado ou a evasão escolar, ou seja, a língua é um instrumento de poder que segrega indivíduos para a manutenção desta sociedade de alguns. Dessa forma, é conveniente aos grupos dominantes perpetuarem esse ensino que embora se revele democrático no discurso, permaneça com suas ações voltadas à exclusão, assim como à alienação dos educandos dentro e fora do âmbito escolar. É importante ressaltar que tais práticas interferem no trabalho docente, pois, este de modo direto ou indireto, sofre influência dos mecanismos de controle em sua vida pessoal e profissional.

2.3 OS DESAFIOS DO PROFESSOR MEDIANTE UMA EDUCAÇÃO ALIENADORA

A educação descontextualizada, difundida ao longo do país através de práticas equivocadas (ou intencionais), responsáveis pela má qualidade do ensino, não teria grande êxito se o processo de inculcação de ideologias não se estendesse ao professor. A alienação do professor é fundamental nesta cadeia de dominação, uma vez que a ignorância deste contribui para a disseminação de ideologias provenientes da classe elitizada.

Ou seja, um professor sem uma atitude crítica diante dos desafios educacionais ainda que inconsciente é um disseminador das ideologias que fomentam as injustiças. Daí a importância de uma formação continuada que possibilite aos educadores uma reflexão acerca de sua prática pedagógica, uma reconstrução de sua identidade pessoal e sua valorização profissional. Este tema foi abordado pelo educador francês Celestin Freinet no século XIX, e difundidos ao longo de décadas por estudiosos da educação.

Para Freinet, educação é ação e intervenção. Abordar a educação e a formação do educador segundo seus princípios implica, antes de tudo, não separar a ação pedagógica da vida. (...) A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim por meio de um trabalho de reflexão crítica sobre a própria prática, um trabalho que possibilite a reconstrução permanente da identidade pessoal (MORAIS, 1997, p. 181).

Dessa forma, qualquer tentativa emancipadora em relação aos educandos, revela-se ineficaz enquanto o educador, personagem central nesse processo, continua alienado, expropriado dos seus direitos e apático diante dos problemas existentes. Não é possível falar em construção de identidades quando na verdade este profissional se encontra perdido em meio ao caos provocado por um ensino descompromissado com a aprendizagem e voltado para atender aos interesses pessoais daqueles que detêm o poder econômico e político do país.

Essa inversão de valores que mercantiliza a educação e a coloca a serviço de alguns em detrimento de uma maioria, dificulta o trabalho pedagógico e contribui para a desmotivação do professor que se ver impotente diante da força política e da burocracia que atrapalham qualquer avanço educacional. As tentativas de mudar essa realidade por meio de políticas educacionais voltadas para um ensino inovador, em sua maioria fracassam quando são colocadas em prática e sofrem interferência daqueles que a executam, ou seja, seus administradores.

As pedagogias a serviço do capitalismo sempre tentaram arrefecer a dimensão filosófico-política do trabalho pedagógico. Seja instituindo o conformismo ao modo dominante de produção e aos valores a ele subjacentes, seja mascarando as contradições existentes na sociedade de classes, seja atribuindo ao professor o papel de guardião do sistema, a ideologia capitalista pré-fixada e controla o destino de todos aqueles que, por mais ou menos tempo, participam da instituição escolar (SILVA, 2008, p. 68).

Nesse sentido, percebe-se que o capitalismo, mola propulsora do mundo neoliberal, está presente em toda parte, inclusive na escola. É neste espaço que as ideologias a serviço deste sistema são perpetuadas, e conscientes ou não o professor é envolvido nesse mercantilismo chamado de educação. Manter-se à margem desse sistema político educacional constitui-se uma tarefa impossível para o professor, ou ele é corrompido pelo sistema ou sofre as consequências por ser um idealista um sonhador de um mundo que não existe.

A lei da vantagem e do lucro a qualquer preço prevalece em nossa sociedade e são fomentadas através de ideologias que propagam essa visão como correta e que nada pode se fazer para mudar essa realidade. Ou seja, instala-se o conformismo e a letargia no educador que perde sua identidade pessoal / profissional e questiona-se: Vale a pena tentar fazer a diferença. Vale salientar que esse imobilismo é mais uma forma de manipulação do professor e este precisa está atento para não tornarem-se mais um vencido pelo poder dominante.

(,,,) as análises sociológicas e políticas por mais rigorosas e corretas que sejam, ajudam apenas a manter o imobilismo e a falta de perspectivas para o educador. (...) O poder do professor está tanto na sua capacidade de refletir criticamente sobre a realidade para transformá-la quanto na possibilidade de formar um grupo de companheiros e companheiras para lutar por uma causa comum. (GADOTTI, 2002, p.37)

De acordo com Gadotti, as perspectivas educacionais corretas ou não, mantém o professor estagnado, alienado e moldado aos interesses da elite. Porém, evidencia também a força que emana do educador quando este reflete criticamente sobre o fazer pedagógico e principalmente faz da sua luta um ato coletivo. Deixa de agir isoladamente e passa a trabalhar em conjunto, engajado com outros educadores, e, sobretudo consciente de que para emancipar o educando precisa emancipar-se, pois não se pode querer formar sujeitos autônomos quando o próprio educador não vivencia essa realidade na prática. Em consonância com o pensamento de Gadotti, o autor Ezequiel Theodoro faz as seguintes indagações:

Quando a classe dos professores vai começar, como sujeito da história, a traçar seu próprio destino, rompendo com a cristalização dos seus papéis e das suas responsabilidades, sempre definidos por outrem? Quando os professores de todos os níveis vão sentir empatia em si, unindo mãos e lutando pela mudança da sua condição de explorados? Quando a categoria toda dos professores vai sentar-se junta para criar rupturas reais no bloco do poder? (SILVA, 1998, p. 14)

O autor promove um questionamento acerca da postura do educador diante dos mecanismos ideológicos, onde este precisa romper a cadeia de submissão e conformismo que lhe é cristalizada pela sociedade. Todos os rótulos que são atribuídos ao professor não passam de formas de controle e alienação por parte daqueles interessados em manter o sistema de desigualdades que os beneficiam. Todavia, mudar essa condição de conformismo não é algo impossível. Essa

transformação educacional e, por conseguinte social, tem início com a mudança de postura dos educadores, ou seja, se faz necessário que educadores revejam sua prática e, sobretudo a sua relação com os demais companheiros de magistério, pois é através da divergência entre educadores que esta classe se torna se fortalece.

Nunca entendi que as classes sociais, a luta entre elas, pudessem explicar tudo (...) daí que jamais tenha dito que a luta de classes, no mundo moderno, era ou é o motor da história. Mas, por outro lado, hoje e possivelmente por muito tempo, não é possível entender a história sem as classes sociais, sem seus interesses em choque. A luta de classes não é o motor da história mas certamente é *um* deles (FREIRE, 2005. p. 91).

Diante do exposto, percebe-se que ao longo do tempo as lutas sociais fazem parte do processo evolutivo da sociedade. A historicidade da luta de classes não é um fenômeno recente do mundo moderno, pois em qualquer época ou cultura o desejo de poder e subjugação do outro se constitui o pivô de constantes batalhas entre ricos e pobres, burguesia e proletariado, dominantes e dominados que gladiarão entre si em uma guerra, às vezes velada, marcada por derrotas e vitórias em ambos os lados.

No que diz respeito à classe dos educadores, esta encontra-se perdida em meio ao caos provocado pela ausência de políticas públicas voltadas à educação brasileira. O professor não goza de prestígios sociais ou financeiros, são precárias as condições de ensino e, além disso, recebe um salário aviltante que o obriga à jornadas exaustivas de trabalho, tornando-o um indivíduo alienado que considera normal a sua condição de trabalho e na maioria das vezes, não luta para mudar sua condição de oprimido.

(...) o ato pedagógico é, em essência um ato político seria extremamente incoerente a presença de um professor que, no exercício de suas funções, não lutasse pela superação da sua condição de oprimido e continuasse a pregar ou reproduzir a ideologia imposta pelo Estado (SILVA, 2011, p. 31).

De fato, o ato político está presente em cada ação ou omissão do indivíduo. O fato de alguém manter-se à margem diante das injustiças e da mediocridade também se constitui um ato político. No que diz respeito ao trabalho docente, a sua essência é um ato político, portanto é contraditório que o professor tenha consciência da sua condição de oprimido e permaneça indiferente diante da

realidade, resignado sem qualquer reflexão crítica ou algo mais grave: adote uma postura contestadora e reivindicadora através da mobilização da classe educadora por melhores condições de trabalho e enquanto professor, dentro da sala de aula permaneça com uma postura submissa, apenas reproduzindo as ideologias de outrem.

Todavia, cabe ressaltar que a participação deste em atividades voltadas à mobilização da classe, não mudará sua condição de alienado, pois, se trata de algo complexo, diz respeito à autoestima perdida ao longo de anos vítima da desvalorização profissional, ou seja, uma dignidade senão perdida, ao menos deteriorada.

Sobre isso, Tognetta (2011) destaca que “a dignidade do outro é reconhecida tão somente quando o sujeito pode garantir a sua própria dignidade.” De fato, é impossível ao educador ministrar aulas enfocando a construção de valores ou motivacionais quando este não os vivencia em seu cotidiano, ou seja, a busca da identidade e dignidade próprias, é sem dúvida o primeiro passo rumo à mudança ainda que esta não seja a que se espera, ao menos já reflete a tentativa de romper com esse sistema de exclusão e privilégios.

3 METODOLOGIA

Com intuito de refletir a respeito sobre as relações de poder que perpassam o ambiente escolar. Realizamos uma pesquisa teórica, visando analisar a relação que há entre poder, alienação e dominação especificamente no contexto escola, onde esse processo tem início através da educação sistematizada e se perpetua durante toda a vida do indivíduo.

Este trabalho destaca a situação conflitante vivenciada pelos educadores diante dessa realidade alienadora e castradora, assim como importância do trabalho em equipe para o rompimento dessa cadeia de desigualdades da qual a escola tem intensa participação no que se refere à disseminação de ideologias. A pesquisa bibliográfica que corresponde ao embasamento teórico que compõe este trabalho apresenta ideias de acerca da temática abordada, de autores como: Freire (2005), Gadotti (2002) Freinet (1997), Silva (2008), Brasil (2010) Vasconcellos (2001), Hernandez (2007), Foucault (2006), Nóvoa (2007) entre outros.

Essas ferramentas permitiram que fizéssemos uma análise reflexiva a respeito das s relações de poder que interferem no processo educativo, sobretudo no que refere à prática docente, que foram componentes necessários para construção deste trabalho monográfico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação exerce um papel preponderante na vida do indivíduo, pois é através desta que o homem se torna sujeito de sua própria história, adquire consciência crítica, transforma o mundo que o cerca, assim como reinventa a si mesmo em uma constante aprendizagem que o acompanhará por toda vida. Essa evolução do homem através da aprendizagem contínua quer seja esta sistemática ou assistemática evidencia a importância da educação enquanto instrumento transformador da sociedade. Por isso, sendo a escola a principal representante da educação sistematizada, todas as expectativas de um futuro promissor e de uma sociedade mais justa e igualitária, são depositadas nesta instituição.

Pôde-se perceber com a realização deste trabalho que a escola não apenas reflete os valores da sociedade, como também atua de forma a perpetuar a hegemonia da classe de maior prestígio. Assim, o espaço escolar é marcado por conflitos e reprodução de ideologias que atendem aos interesses daqueles que detém o poder político, econômico e social neste país. Essa manipulação ideológica adentra a sala de aula, muitas vezes, de forma velada e se revela através da preconização de um ensino voltado à conteúdos relevantes à vestibulares e desprovidos de significado no que diz respeito à realidade dos educandos.

Este ensino descontextualizado tem como resultados a evasão dos educandos das salas de aula, pois, eles percebem uma enorme disparidade que há entre o conhecimento valorizado nas escolas e a sua realidade, e esta contrariedade faz com que muitos se sintam deslocados naquele ambiente, optando pelo abandono da escola. Quando isso não acontece, aqueles que conseguem completar seus estudos por virem nessa instituição a única forma de ascensão social e crescimento profissional vivenciam o caos instalado na maioria das escolas que oscilam entre o tradicionalismo e a modernidade sem qualquer questionamento crítico, ou seja, ambos desprovidos de qualquer relevância para a verdadeira aprendizagem significativa, aquela que prepara para a vida.

Dessa forma, percebe-se que a escola produz indivíduos alienados que absorvem conhecimentos relevantes a um dado momento de sua vida, mas não conseguem relacioná-los com a sua vida cotidiana, ou seja, aprendem-se regras, mas não se aprende valores ou se fomenta a discussão acerca dos problemas que

fazem parte da sociedade, da qual fazem parte. O conceito de cidadania é explicado, talvez debatido, porém nunca vivenciado através de práticas no próprio espaço pedagógico, de fato a alienação se instaura definitivamente.

A interferência dos interesses capitalistas no sistema educacional, influencia a vida pessoal e profissional do educador, pois este enquanto peça fundamental neste processo, não consegue se manter à margem dos mecanismos de controle desse sistema. A alienação produzida através de ideologias que perpassam o ambiente escolar também o atinge, quer seja através da nomeação de pessoas desqualificadas para a atuação no magistério e comprometidas apenas com interesses pessoais, a desvalorização salarial e social do educador diante da sociedade. Essa situação vivenciada constantemente pelo educador faz deste, um ser também alienado que trabalha exaustivamente para complementar a sua renda familiar, sem qualquer tempo para aperfeiçoamento profissional ou para refletir sobre a sua prática.

È importante destacar que para o professor, é no mínimo contraditório que este profissional procure estimular a formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade, quando na verdade este tem sua identidade fragmentada, marcada pela opressão e muitas vezes pelo silêncio, falar em democracia enquanto ele se encontra em sistema autoritário que o reduz a mero objeto a serviço dessa engrenagem chamada sociedade de alguns.

Contudo, é preciso evidenciar que a letargia do professor diante dos obstáculos impostos pelo grupo dominante representa a consolidação dos objetivos deste, pois o não agir significa agir em benefício de outrem. Portanto, mais do que lamentar a difícil condição do educador mediante o sistema de controle social, é preciso que educadores se unam em prol do bem comum à classe, e lutem por melhores condições de trabalho, pois é através do resgate da identidade e autoestima do professor que este poderá melhorar o seu desempenho em sala de aula, tendo em vista sua experiência em conciliar teoria e prática.

Espera-se que essa monografia possa contribuir para discussões necessárias à todos os envolvidos no processo educativo, fomentando uma reflexão acerca do tema e sobretudo, buscando soluções para fazer da sala de aula um espaço verdadeiramente democrático.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. MACHADO, Roberto. (trad.) **Microfísica do poder**. 22. ed. Editora Paz e terra. São Paulo. 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Paz e terra. São Paulo. 2005.
- _____. **Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido**. 12. ed. Paz e terra. São Paulo. 2005.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho : Ensinar – e - aprender com sentido**. Cortez. São Paulo. 2002.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo.2009. (Coleção Linguagem).
- HERNÁNDEZ, Fernando. RODRIGUES, Jussara Haubert. (trad.).**Transgressão e mudança em educação: os projetos de trabalho**.2. ed. Artmed. Porto Alegre. 2007.
- MORAIS, Maria de Fátima. (org.). **Freinet e a escola do futuro**. Bagaço. Recife. 1997.
- PINSKY, Jaime. **Cidadania e educação**. 9. ed. Contexto. São Paulo. 2005.
- SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação política**. 37. ed. Autores Associados. 2005.(Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; vol. 5).
- SILVA, Ezequiel Theodoro. **Raiva e revolta em educação**. Autores Associados. São Paulo. 1998.
- _____. **Magistério e mediocridade**. 7.ed. Cortez. São Paulo. 2008.(Coleção Questões da Nossa Época; vol. 3)
- _____. **O professor e o combate à alienação imposta**. 6. ed. Cortez. São Paulo. 2011. (Coleção Questões da Nossa Época; vol. 24).
- TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. VINHA, Telma Pileggi. **Quando a escola è democrática: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola**. Mercado das letras. São Paulo .2007. (Coleção Cenas do Cotidiano Escolar).
- VASCONCELLOS. Celso. **Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação**. Libertad. São Paulo.2001.